

A Doença

Rubem Alves,

Escritor, teólogo e psicanalista.

Crônica extraída do livro: Alves R. *Sobre o tempo e a eternidade*. 9ª edição. Campinas: Papirus, 2000. p. 81-3. Publicado com autorização do autor.

Senti o susto na sua voz ao telefone. Você descobriu que está doente de um jeito diferente, como nunca esteve. Há jeitos de estar doente, de acordo com os jeitos da doença. Algumas doenças são visitas: chegam sem avisar, perturbam a paz da casa e se vão. É o caso de uma perna quebrada, de uma apendicite, de um resfriado, de um sarampo. Passado o tempo certo, a doença arruma a mala e diz adeus. E tudo volta a ser como sempre foi.

Outras doenças vêm para ficar. E é inútil reclamar. Se vêm para ficar, é preciso fazer com elas o que a gente faria caso alguém se mudasse definitivamente para nossa casa: arrumar as coisas da melhor maneira possível para que a convivência não seja dolorosa. Quem sabe se pode até tirar algum proveito da situação?

Doenças-visitas você já teve muitas. Mas sua nova doença veio para ficar. Hipertensão: 170 por 120. É muito alta. Tem de baixar para viver mais. Para isso, há uns remédinhos que controlam os excessos da intrusa. Mas livrar-se dela, cura, parece que isso não é possível. Mas é possível tirar proveito da situação. Eu mesmo convivo com minha hipertensão há mais de 20 anos. E até o momento não tivemos nenhuma alteração grave.

Vai um conselho: sem brincar de Poliana, trate sua doença como uma amiga. Mais precisamente: como uma mestra que pode torná-lo mais sábio. Groddeck, um dos descobridores da psicanálise de quem quase ninguém se lembra (o que é uma pena, porque ele navega por mares que a maioria dos psicanalistas desconhece), dizia que a doença não é uma invasora que, vinda de fora, penetra no corpo à força. A verdade é o contrário. Ela é uma filha do corpo, uma mensagem gerada em suas funduras, e que aflora à superfície da carne, da mesma forma como bolhas produzidas nas funduras das lagoas afloram e estouram na superfície das águas. A doença tem uma função iniciática: através dela se pode chegar a um maior conhecimento de nós mesmos. Doenças são sonhos sob forma de sofrimento físico. Assim, se você ficar amigo da doença, ela lhe dará lições gratuitas sobre como viver de maneira mais sábia.

Pode ser que você ainda não tenha se dado conta disso, mas o fato é que todas as coisas belas do mundo são filhas da doença. O homem cria a beleza como remédio para sua doença, como bálsamo para o seu medo de morrer. Pessoas que gozam de saúde perfeita não criam nada. Se dependesse delas, o mundo seria uma mesmice chata. Por que haveriam de criar? A criação é fruto de sofrimento.

“Pensar é estar doente dos olhos”, disse Alberto Caeiro. Os olhos do poeta tinham de estar doentes porque, se não estivessem, o mundo seria mais pobre e mais feio, porque o poema não teria sido escrito. Porque estavam doentes os olhos de Alberto Caeiro, um poema foi escrito e, por meio dele, temos a alegria de ler o que o poeta escreveu. O corpo produz a beleza para conviver com a doença.

A se acreditar no poeta Heine, foi para se curar da sua enfermidade que Deus criou o mundo. Deus criou o mundo porque estava doente de amor... Eis o que Deus falou, segundo o poeta: “A doença foi a fonte do meu impulso e do meu esforço criativo; criando, convalesci; criando fiquei de novo sadio”.

Meditando sobre uma dolorosa experiência de enfermidade por que passara,

Nietzsche disse o seguinte:

... é assim que, agora, aquele longo período de doença me aparece: sinto como se, nele, eu tivesse descoberto de novo a vida, descobrindo a mim mesmo, inclusive. Provei todas as coisas boas, mesmo as pequenas, de uma forma como os outros não as provam com facilidade. E transformei, então, minha vontade de saúde e de viver numa filosofia.

A doença é a possibilidade da perda, uma emissária da morte. Sob o seu toque, tudo fica fluido, evanescente, efêmero. As pessoas amadas, os filhos – todos ganham a beleza iridescente das bolhas de sabão. Os sentidos, atingidos pela possibilidade da perda, acordam da sua letargia. Os objetos banais, ignorados, ficam repentinamente luminosos. Se soubéssemos que vamos ficar cegos, que cenários veríamos num simples grão de areia! Quem sente gozo na simples maravilha cotidiana que é não sentir dor? Dei-me conta disso quase num êxtase de gratidão mística quando, depois de alguns séculos de dor insuportável de uma cólica renal (a dor sempre demora séculos), a mágica Dolantina devolveu-me à condição assombrosa de não sentir dor. A saúde emburrece os sentidos. A doença faz os sentidos ressuscitarem.

Então, não brigue com a sua doença. Ela veio para ficar. Trate de aprender o que ela quer lhe ensinar. Ela quer que você fique sábio. Ela quer ressuscitar os sentidos adormecidos. Ela quer dar a você a sensibilidade dos artistas. Os artistas todos, sem exceção, são doentes... É preciso que você se transforme em artista. Você ficará mais bonito. Ficando mais bonito, será mais amado. E, sendo mais amado, ficará mais feliz...



EDITORA
João de Barro



CONSIDERAÇÕES MEDITATIVAS

PORTOS DE VISTA

MEDICAMENTOS ANTROPÓSÓFICOS
VADEMECUM

DOENÇA E CONHECIMENTO DO CRISTO

FISIOLOGIA E TERAPIA

Editora João de Barro
São Paulo - Brasil
contato@editorajoaodebarro.com.br
Fone: (55) (11) 5181-9334

Visite nossa loja virtual
www.editorajoaodebarro.com.br